

Antônio Vieira - 300 anos de morte

Leônidas Querubim Avelino(UFMT)

No dia 19 de julho de 1697, falecia, no colégio dos Jesuítas da Bahia, o Padre Antônio Vieira. Exatamente trezentos anos! Chegava então ao fim a existência de uma figura de singular relevo, pela inteligência e brilho bem como pela genial e criativa produtividade como orador sagrado, no Brasil e na Europa, como defensor singularmente dinâmico e antecipador da causa indígena, dos escravos e dos interesses internacionais de Portugal e destacadamente do Brasil. Tudo isto consta de seus sermões, cartas e verdadeiros tratados sobre variados assuntos. A parte literária de Vieira, como orador, sempre recebeu relevo através dos tempos. Um ponto foi praticamente obliterado e neste tricentenário da morte de Vieira merece destaque pela novidade, pela qualificação de originalidade e brilho. Trata-se dos acontecimentos e celebrações culturais ao tempo de sua morte e tendo-a como tema central. Os documentos encontram-se impressos no volume XV da edição facsimilar dos *Sermões* de Vieira. Esta edição se deve ao trabalho daquela outra figura de destaque no Brasil: o Padre Augusto Magne, jesuíta do Brasil Central. A edição facsimilar de Vieira foi feita como parte da Coleção Anchieta, integrada como parte da *Biblioteca Facsimilar de Autores Clássicos*. A "Advertência Preambular" do P. Augusto Magne traz a data de 30 de abril de 1943.

Como disse antes, as referências à morte de Vieira, às celebrações que motivou não são destacadas na longa e volumosa história da crítica literária a Vieira. Talvez porque quase tudo esteja em língua latina. Uma ocorrência, cujo documento é publicado na Edição Facsimilar, foi o aparecimento de uma estrela sobre o Colégio da Bahia à noite

e precisamente à hora da morte de Vieira. Ocorrência histórica, imaginação criativa? Nossas referências todas são sempre aos documentos reproduzidos no mencionado volume XV da Edição Anchieta. A respeito da morte de Vieira, lê-se título geral:

SUSPIROS ENCOMIÁSTICOS,

Em que alegremente, e saudosamente romperão as Musas na morte do V. P. Antonio Vieira, que no Collegio da Companhia de Jesus da Bahia acabou religiosamente a vida de quase noventa anos de idade, declarando o Ceo a felicidade daquela ditosa alma com hum grande corpo luminoso, que na mesma noite, e hora, em que espirava, appareceu sobre o seu cubiculo aos 18 de julho de 1697.

Após este documento, seguem-se os outros que já mencionamos. Os textos sobre as variadas celebrações acadêmicas e literárias são todos em latim. São os seguintes:

1. *Epaenotaphion Encomiasticum R. Admodum Patris P. Antonii Vieirae Societatis Jesus.* (Devera ser Jesu!). Este documento fala de uma Placa Tumular Elogiativa.

2. *Concionatorum Facile Principi Venerabili Patri Antonio Vieira Societatis Jesu, Hospiti quondam suo aeternum desideratissimo Justa persolvit et urnam erigit sepulcralem COLLEGIUM CONIMBRICENSE In memoriam doloris, et amoris argumentum Invitatore literatorum Maecenate literatissimo Excelentissimo Domino D. Francisco Xaverio de Menezes, Comite de Ericeira, Hortatore Principe Poetarum Eclog. 5, Et tumulum facite, et tumulo superaddite carmen.* Este documento se refere à montagem do velório e ao enterro de Vieira conforme a orientação do poeta latino, no verso citado, que traduzimos: *Fazei um túmulo e em cima do túmulo juntai um poema.* O velório é pormenorizadamente descrito: velas, flores, roupas, travesseiro (a Bíblia!), cortejo fúnebre. Termina com o sepultamento de Vieira a quem se dá o adeus final e se deseja que a terra lhe seja leve:... "*Venerabili P. Antonii Vieirae / Extremum vale dicit / et / Levem terram precat.*"

3. *Lacrymae Typographicae Officinae In Obitu Venerabilis Patris Antonii Vieira*. As lágrimas da oficina tipográfica acostuada que estava à publicação incessante das criações literárias de Vieira. Cada elemento de uma oficina tipográfica da época é mencionado e manifesta sua tristeza. A pormenorização é tão minuciosa que este pode ser considerado um documento histórico sobre a tipografia da época. Um dos mais curiosos pormenores é a menção do navio que chegara do Brasil trazendo a notícia da morte e juntamente o último volume das obras de Vieira para ser publicado: "*Heu! Ratis infelix simul et mihi fausta: Vieirae / Funeris, et vitae nuntia certa dedit / Dat vivum in scripts, simul et dat nuntia mortis*" - Oh! Navio infeliz e juntamente alegre para mim. Deu notícias certas dos funerais e da vida de Vieira. Ela o dá vivo nos escritos e juntamente dá a notícia da morte." Repetimos: quem fala é a tipografia...

Junto aos documentos latinos, há um longo elogio a Vieira em espanhol, escrito pelo também orador e padre jesuíta Nicolao de Segura. Uma nota de apresentação, em português, diz, entre outras coisas: "... *fala a eloquência toda, fala a discricção, fala um vivo engenho, fala um sublime juizo e vestida e honrada de todas estas prendas fala a veneração, o amor.*" Há uma apresentação final do longo documento de Segura: "*Assim falam os estranhos.*"

Destes textos que julgamos todos muito interessantes, pela criatividade, iremos apresentar a tradução do primeiro: *Epaenotaphion Encomiasticum* (Placa Funerária Elogiosa e encomiástica do sobremaneira Reverendo Padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus). O latim usado nestes documentos tem elementos do classicismo latino e também do medievo. A criatividade, seja na concepção, seja na expressão vocabular, é notável; tudo está em verso latino, de métrica variada. A ressonância e repetição de sílabas, tão ao gosto latino, é notável. Citemos alguns exemplos. Logo no primeiro verso: *lege viator et luge*. No segundo verso: *morare et mirare*. Lisboa é caracterizada como *orbis in urbe*. *Genius ingeniumque; abiiit obiit*. Estes casos são freqüentes. Há outras passagens que documentam, digamos, ousadia. Exemplos: afirmativa sobre Vieira: "*Nullius unquam sceleris reus / Nisi quod omnibus antecelleret*". Traduzido: Jamais réu de nenhum

crime / A não ser porque superou a todos. Outro comentário que parece notável: (já traduzido) Nisto o gênio é como o vento / Se é veemente provoca tempestades. Este outro, traduzido: Só faltou uma coisa a Vieira para ser modelo: ser imitável. E como estes há muitos outros casos que poderão ser notados na leitura. Em minha tradução procurei ser inteiramente fiel ao original latino. Quero que esta seja uma tradução e não uma traição. Muitos elementos são intraduzíveis, como jogos de palavras, de sons, etc., muito ao gosto dos latinos. A tradução conserva, com rigorosa fidelidade, a pontuação do original. Apenas foi um pouco alterada a margem original de cada verso. O tamanho de cada verso foi mantido.

Título geral da coleção de documentos:

SUSPIROS
ENCOMIÁSTICOS

Primeiro documento - o que vamos traduzir:

PLACA TUMULAR ELOGIATIVA
ENCOMIÁSTICO

DO SOBREMANEIRA REVERENDO PADRE

ANTÔNIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

Lê, caminhante, e chora,

Espera um pouco, e admira,

Qual, e quão notável varão jaza neste túmulo?

Se não sabes, recebe

Esta paga suficientemente grande de tua parada.

Aqui finalmente jaz

O sobremaneira Reverendo Padre Antônio Vieira.

No auspicioso ano oitavo após o milésimo e sexcentésimo

Avançou para a luz,
Luz que amplíssima viu e espargiu.
Sorteado com a Lisboa natal
Um orbe numa urbe.
De tal inveja desta pátria enfatuou-se o orbe,
De modo que sempre se perguntasse se seria pátria? E se queixasse:
Somente nisso a Homero é inferior Antônio.
Nas outras coisas, maior.
Graças a Deus diariamente Platão teria dado,
Por ter nascido em Atenas,
Muitas Lisboas deve dar,
Por ter dado origem a Vieira só.
Menino ainda para o Brasil partindo
O novo orbe por muito tempo ilustrou,
Certamente capaz de ilustrar a ambos e a muitos.
Gênio humaníssimo em menino,
Engenho quase divino.
O que tenha feito como menino, totalmente ignoramos,
Ou que homem tivesse sido mal acreditamos;
Tudo nele era sempre maior,
Para que cheirasse a homem.
Como muitas coisas dos homens pudesse esperar,
Que conviessem a tantos dotes de espírito,
Preferiu fazer-se noviço sob as bandeiras de Inácio,
Onde fazendo coisas fortes militasse,
E sofrendo tudo que fosse forte adquirisse méritos,
Nem, quando merecesse mais, nada recebesse.
Quão emérito líder saísse do noviciado,
Suficientemente depois, e muitas vezes provou,
Nunca réu de nenhum crime

A não ser por superar a todos.
Certamente o gênio é semelhante ao vento,
Porque, se se torna veemente, excita tempestades.
De tal maneira se destacou nas disciplinas mais humanas,
Que os velhos Príncipes da elegância Latina
Acreditarias terem migrado unicamente para Vieira.
Devendo sim ser coroado de tantos louros,
Quanto carmes brilhantíssimos elaborou
Em todo gênero de composição.
Dedicado à Filosofia e Teologia
Expressou ao vivo Aristóteles e Soares,
E em parte também os superou.
Os primeiros Pontífices da mais sagrada sabedoria,
Penetrou até a medula totalmente, e exauriu.
Em nenhum lugar da terra houve biblioteca mais rica,
Do que a cabeça de Antônio.
Uma enciclopédia das boas artes
Conteve na mente imensa.
Seria o máximo das aspirações querer conseguir na velhice,
Quanto este soube desde criança.
Uma abismo de sabedoria foi Vieira
Que nunca poderá ser exaurida, e haurida sempre.
Os maiores tesouros da Igreja
Estão contidos debaixo de sua única Clavis.
Isto será quando a Clavis se abra,
E leve para a luz os tesouros.
Jerônimos, Agostinhos, Ambrósios, Gregórios,
E algo de maior nele só admirarás,
Do qual até os mesmíssimos Doutores
Poderiam haurir sabedoria,

A menos que a tivessem cumuladíssima:
Folheia as páginas dele,
Quantas letrinhas nelas lançou;
Crê são sementes de livros,
Quantas palavras escreveu, oráculos.
Retornado para a Lusitânia
Não pôde ficar oculto o varão claríssimo,
Apesar de que por sua humildade
Se esforçasse por ficar oculto.
Criado pregador real por João IV
Demóstenes cristão, ou Túlio eu o diria
Se não lançasse uma injúria.
Depois por Afonso e Pedro eleito para aquele cargo
Suma, régia facúndia provou ter,
Que agradasse a tantos Reis supremos.
Seus ouvintes bem-aventurados faria,
Se por ventura se juntasse eternidade ao seu discurso.
Aos pregadores contudo não pode ser caro
Que, se o ouvissem discursando,
Obviamente o invejariam, e se desesperariam.
Para que fosse o Mestre Arquétipo dos Oradores,
Só isto faltou: ser imitável.
Não haverá jamais ninguém para imitar Vieira,
Ao qual sequer para imitar
A mesma eternidade é insuficiente.
Mas ainda que em discursos fosse peritíssimo,
Em agir contudo foi muito mais perito.
Ao Sereníssimo João IV insistentemente rogou,
Lhe desse recursos para voltar para o Brasil;
Por fim réu dos votos, e senhor do voto,

Nobre vingador
As injúrias deferidas pela pátria cega
Retribuiu com benefícios.

Em benefício dela atravessou os mares, palmilhou o orbe.
Desempenhando tantos trabalhos, contornando tantos perigos.

Embaixador à Batávia, e Roma
Não apenas nestes dois lugares,
Mas em todos os lugares souou pela pátria.
Mais feliz talvez seria Vieira,
Se tivesse vindo à luz em Atenas,
A cada passo ter-lhe-iam levantado estátuas de bronze.
Pelas de bronze entretanto, que a Lusitânia lhe negou,
Uma de ouro à Lusitânia Vieira erigiu
A si mesmo.

Em Roma cabeça de todo o orbe
Urbe acostumada aos triunfos triunfou Antônio.
O orbe não viu pompa de maior triunfo,
Mas nem sequer imaginou igual.

Os vencidos e amarrados Pontífices Ótimos Máximos,
Os vencidos também, e cativados Padres Purpurados,
A ligada, e obrigada Sereníssima Cristina,
Cativos quantos eram Chefes e Príncipes da Itália e Europa
Eram conduzidos ao cortejo.

Aquela grande cabeça da Companhia, Oliva,
Nobre prisioneiro era levado com os primeiros.
Daqui dali, com tão grande contenção quanto era a urbe
grande,

Ovações perenes ressoavam.
O próprio Vieira assentado no trono da veneração
Dava um espetáculo mais admirável.

Contudo a tantos e tão grandes benefícios para a Itália,
Ela não correspondeu senão com traições.
Fizera ensandecer a cabeça do orbe
A sabedoria mágica do homem
Que tendo-a adquirido inteiramente toda
Nenhuma pareceu deixar para os outros.
De lá voltado para Lisboa,
A que ele dera por tanto tempo saudade de si,
Rejubilou-a inteiramente e fez feliz,

Mas aquele a quem Deus determinara criar para um grande povo,
Não podia demorar por muito tempo na pátria.
Já pela terceira vez pensa no Brasil,
Zangado com sua virtude e eloquência,
Por lhe impedirem o escondimento,
Mas este é o trabalho dos súperos,
Não permitirem que os que sobem às estrelas,
Fiquem no escondimento.

Escolhido superior de toda a Companhia de Jesus do Brasil
Ensinou a humildade, governou-se a si mesmo.
Desejava tornar celestes aos seus alunos,
E conseguiria,
Se os tornasse semelhantes a si mesmo.
E os tornaria longe de dúvida,

Se governasse aos outros, com tanta facilidade como a si mesmo
Mas já atingido pelas cãs, e pelos anos,
Impaciente com cargos, e honras
Teimou em abdicar da Magistratura.
Ninguém jamais assumiu o poder mais avidamente,
Do que Vieira o deixou.
Deixado portanto a si mesmo, dedicou-se a Deus,

Examinou-se a si mesmo, cultivou a piedade.
Quem porém fora nascido para ensinar aos homens,
Nunca se absteve de produzir livros.
Na verdade sua eloquência
Sempre de idade madura de modo algum envelheceu.
Tudo entretanto que escrevia no papel,
Transcrevia no coração.
Engano-me
Da abundância do coração sempre falando,
Nada jamais lançou às páginas,
Que não tivesse primeiro lavrado no peito.
Foram trasladados do coração Antoniano
Quantos volumes cordialíssimos dele existem.
Na verdade, que dor!
Não podem ser lidos por olhos corrompidos pelo pranto.
Para o céu por fim Vieira,
Maduro já não tanto pelos anos, quanto pelos méritos,
Com tristeza de todos os mortais,
Voou para a alegria dos celestes.
E aquela alma boa com que fora sorteado por Deus,
Devolveu ótima já nonagenário:
Nesta idade costumam morrer os Platões.
Platão chamaria eu a Vieira,
Se ousasse chamar divino,
De divino não posso porque se foi.
Tenho entretanto como certo o seguinte,
Que em si sozinho
O conjunto de todos os ornamentos do homem
Completo
Tudo o que a mortalidade podia conseguir.

Oh!

Que agora resta de um varão tão grande?

De uma grande alma um exíguo cadáver.

De um grande Sol uma pequena sombra,

De um grande fogo mera cinza.

Daí que devemos maximamente doer-nos,

Que tal homem perdemos:

Daí contudo que devemos antes congratular-nos,

De termos tido tal pessoa.

Existiu Salomão da Companhia de Jesus,

E tendo conseguido a sabedoria do primeiro,

Do que ele sim mais sabiamente viveu,

Mais sabiamente morreu.

Naquela ocasião fizeram-se trevas

Sobre a terra universal,

Para que escurecida pelas trevas a natureza

Prestasse homenagem fúnebre a tão grande chefe.

Diz-se que foi vista uma estrela sobre o Colégio

Nada para se admirar,

No ocaso de um verdadeiro Sol.

Acostumado a atrair a si transbordante povo,

Até no enterro o atraiu a si,

Mais eloqüente talvez o cadáver no caixão,

Do que outrora no púlpito o Orador.

O Excelentíssimo Senhor D. João de Lencastre

Pretor Magno do Brasil, maior do que si mesmo,

Roderico filho preclaríssimo,

Ilustríssimo Bispo da Ilha de S. Tomé,

Outros ainda mais, nobilíssimos Prepostos,

Levaram o corpo ao túmulo.

Foi-lhes sem dúvida uma honra não um ônus.
O completo Colégio dos Canônicos
Reuniu-se para o cármem exequial.
Creio também que o Protoparente Inácio
Levaria suas tochas ao funeral,
A menos que à alma recém chegada no Céu
Ele estivesse recebendo entre aplausos.
De saudade de tão querida pessoa
Ninguém mais profundamente se doeu do que a Lusitânia;
Que não tenha totalmente esfacelado de dor,
Foi um benefício ao mundo:
Todo ele condoendo-se da perda de Vieira
Suavizou a dor da Lusitânia,
A qual contudo
Tendo tido por tanto tempo a experiência do indulgentíssimo
aluno
Com lágrimas eternamente fará seus funerais.
O que antes de tudo tornará mais aguda a acerbidade da dor,
Será que apesar de nonagenário,
Não por isso se foi com morte madura,
Ninguém encontra morte madura,
Cuja vida possa ser desejada.
Mas o supremo desejo da Lusitânia
Aquela idade qualquer que tenha sido não satisfez.
Na verdade viveu longamente Antônio,
Mas não o suficiente
Suficientemente na verdade teria vivido para a natureza, e a
glória;
Mas o que é o máximo,
Para a sua Lusitânia viveu pouco.

Pouco viveu Antônio?
Já me arrependo do que foi dito, caminhante.
Sim ele jaz vivo, e morto vive
No coração de todos os mortais.
Ele se despiu da mortalidade, não perdeu a vida,
Ele se foi sim, mas não morreu:
Porque só se deve dizer vida de Vieira,
A que felicissimamente desfruta junto aos súperos,
Com que sempre depois alimentará a posteridade,
A que a mesma eternidade há de encarar.
Sê feliz, caminhante,
E, daquele cujo inaudito destaque não podes esquecer,
Recorda-te do túmulo.

Estas coisas, ao correr da pena, deu o Reverendo Padre Jerônimo de Castilho, outrora Distinto Professor de Retórica em Lisboa; depois em Coimbra; lá também Mestre de Filosofia; finalmente Intérprete das letras sagradas na Academia de Évora; por fim aluno da Real Academia de História da Lusitânia, isignemente erudito, e saudosíssimo.



Ao apresentarmos estes comentários e a tradução do latim de um documento sobre o P. Antônio Vieira, S.J., concluimos de nossa parte:

**ANTÔNIO VIEIRA, TREZENTOS ANOS DE MORTE,
GLÓRIA E IMORTALIDADE LITERÁRIA!**